

O estranho caso dos Círculos Mágicos de Jorge Curval

Jorge Curval é um artista puramente intuitivo. O seu percurso de aprendizagem fez-se desde início, e continua a fazer-se ainda hoje, apesar da experiência que ganhou, longe das academias. E tem sido desenhada nessa via a raiz do seu encontro mais profundo com a coisa da arte. Como artista, tem tido percurso constante e constantemente presente em exposições públicas, ao longo dos últimos vinte e cinco anos, na cena artística, mostrando regularmente e avançando numa direcção de pesquisa nem sempre suficientemente entendida. Que significa isto? Tão simplesmente que num meio exíguo, e exiguamente atento, esse trabalho, apesar das suas óbvias qualidades, nem sempre tem tido a repercussão merecida.

É certo que o trabalho de Curval não se quer contíguo às modas passageiras que inevitavelmente acompanham o pequeno mundo da arte em todas as épocas. Ao contrário, produzido a partir de alguma solidão de que o próprio necessita, esse trabalho aprofunda-se, interroga-se, abre-se à investigação, quer dizer, acerta e erra, sem procurar fora de si a legitimação de cada um dos seus passos para lá da exigência do próprio percurso, e esperando por prémio apenas aquela alegria que só o próprio acerto proporciona. E isso é o que só os artistas conhecem, para além de toda a circunstância do aplauso. Assim, este trabalho investiga por vezes direcções mais surpreendentes, de outras detém-se no fascínio pelo que as próprias formas propiciam, seduzido por elas como Ulisses pelo canto das sereias, mas sempre movido por uma sincera vontade de pintura, de acercar tão de perto quanto lhe é possível o que possa ser vestígio de um gesto fundador e original que toque directamente o mundo misterioso das sensações.

A série de trabalhos que nos mostra agora, elaborada ao longo de quase dois anos de trabalho realizado no silêncio do atelier, assinala uma vez mais essa matriz de busca incessante e, sobretudo, da sua continuada procura de um acerto totalizador que ligue a arte com a vida, que é o propósito último de toda a arte. Esta série, que contém as obras a que chamou "Magic Circle", nasceu de uma vontade de unir a expressão plástica com a experiência perceptiva obtida através da prática da meditação tal como esta é proporcionada por certas técnicas de elevação, física e espiritual, de origem oriental. Os seus círculos mágicos, tal como os seus "Domus" (e não podemos esquecer que, no plano simbólico, o *domus*, a casa primordial para os romanos, constitui um dos mais fortes arquétipos do inconsciente) que nos surgem como formas misteriosas mas de uma grande delicadeza, não são na verdade mais do que tentativas de fixar percepções obtidas em estados de procura de uma espiritualidade nascida da contemplação das formas ancestrais do mundo e do cosmos.

Mas este trabalho de observação fina, que pela sua originalidade se afasta das imagens em circulação que inundam constantemente o nosso quotidiano, e que a percepção aprende a integrar e a tornar visível para o artista através dessas práticas (que sabemos bem terem sido decisivas para outros, nomeadamente para os expressionistas abstractos americanos, ou mais recentemente para Anish Kapoor) são também o plano que torna possível o pôr-em-comum e a partilha de uma certa experiência estética, quero dizer, de uma experiência singular de subjectivação. Porque é através do trabalho da arte que o artista torna visível para o espectador o caminho de uma experimentação das suas próprias sensações, e é nisso que reside precisamente o cerne da actividade estética.

Confrontados então com os resultados deste trabalho, somos por ele conduzidos a experimentar sensações que de outro modo não nos seriam directamente tangíveis. Somos levados, diante destes círculos mágicos, a ficar diante de uma forma arquetípica também ela, que é a do círculo, e que aqui se reforça porque se vai multiplicando em progressões concêntricas.

E as nossas sensações são, desse modo, inevitavelmente conduzidas para uma série de experiências perceptivas em que se misturam a estranheza e o espanto, as que começam desde logo com a sensação de sermos puxados para dentro desse vazio que parece estar na origem e no centro de todas e de cada uma destas obras. Assim, desde a sensação de sermos contemplados por um olho imenso, ou de sermos postos face a face com a cratera de um vulcão, até à de nos medirmos com o acto de contemplar, através de um telescópio potente, a configuração do cosmos à nossa volta, ou então com a imagem surpreendente de algum planeta distante, multiplicam-se em nós as experiências perceptivas que abrem o campo das sensações nessa experiência de uma outra *domus*, da casa arcaica, em que a nossa casa se torna o próprio universo, expandindo-se assim e alargando-se cada vez mais a nossa capacidade perceptiva. De sensação em sensação, as obras à nossa frente proporcionam-nos pequenas viagens que abrem expansivamente a nossa própria capacidade perceptiva.

Mas depois somos restituídos de volta ao que é da pintura. Ainda que cada uma destas obras seja realizada com matérias muitas delas naturais, como sejam as terras, os pigmentos naturais, os pequenos pedaços de madeira ardidados e convertidos em cinza — o que desde logo nos coloca numa matriz perceptiva que pode evocar a relação do corpo com a terra que todos experimentamos desde cedo na infância e que designa igualmente o nosso destino último — todas elas acontecem no campo da pintura.

Também sendo verdade que muitas destas obras se colocam num plano misto entre pintura e escultura, já que saem para cá do plano da parede e que, graças à sua dimensão concava ou convexa, acentuem a relação que o nosso corpo estabelece com elas, ou ainda que conservem incisões precisas que a mão do artista foi inscrevendo com a lâmina afiada de uma rebarbadeira, como se com um sabre marcial as desenhasse, elas regressam por fim à pacífica condição de pinturas, depois de nos exaltarem a capacidade perceptiva. Esse é o verdadeiro jogo (*ludus*) que a arte proporciona.

Ser e deixar de ser, mostrar, revelar e logo esconder, abrir tão-só por um momento breve a janela improvável que conduz ao invisível, para logo a cerrar e se bastar com ser coisa, quer dizer, simples presença de um trabalho humano que misteriosamente se relaciona com o simbólico (isto é, com a dimensão daquilo que une, que produz união, no sentido grego do termo *symbol*).

Então, e por este processo que associa a forma do círculo, forma antiquíssima e sempre presente em todas as realizações humanas, com a memória ancestral das técnicas artísticas mais primitivas — o uso da madeira, da terra, dos pigmentos e das cinzas —, a que se sobrepõem as inscrições luminosas proporcionadas por uma poeira de partículas brilhantes, gera no espectador o sentimento de assistir, através de uma janela, a um espectáculo cósmico: movimento de cometas, chuva de estrelas, tempestade solar ou aspectos da via láctea.

Essa introdução no campo pictórico de uma relação de referência cosmológica, que encontrávamos já na pintura medieval em particular nas iluminuras e, depois, na do primeiro renascimento, inscreve no trabalho deste artista um sentido novo, e antes impossível de lhe detectar, mesmo se desde sempre ele vem usando os materiais mais naturais nas suas pinturas. Estas obras parecem assim convocar o nosso olhar a mergulhar nelas, e com o nosso olhar o nosso corpo perceptivo, que igualmente se afunda e se perde e se inicia numa espécie de viagem sem fim, ou de uma jornada imensa cujo termo nos é desconhecido.

Silenciosas e graves, os novos e surpreendentes trabalhos de Jorge Curval transportam uma capacidade de sedução e de interrogação que nos remete para aquele espaço quase perdido em cada um de nós que foi o da nossa própria infância em que, deitados sobre a terra, simplesmente nos dedicávamos a contemplar o cosmos, muito acima de nós, numa noite de verão em que as estrelas apareciam no seu coro de luz, pontilhando o negrume da abóbada celeste de uma iluminação feérica, e deixando-nos presos ao mundo aprendendo assim, entre o extase e o espanto, que não passamos de humildes habitantes daquele imenso espaço, mas mergulhados num doce torpor dos sentidos.

Esperando porventura o milagre de ver passar um cometa ou outro qualquer fenómeno, e sabendo-nos simples grãos de poeira, no espaço e no tempo, vogando algures num universo estranhamente misterioso porque imenso, mas no entanto acolhedor como uma casa imensa o pode ser, capaz de nos conter como um grão mais perdido na sua poeira, mas sem jamais nos decifrar o mistério profundo do sentido da nossa própria existência nele.

Para isto também há-de servir a arte e a pintura: para nos devolver ao território perdido da interrogação e do espanto, ao campo sempre por desbravar da memória que nos pode transportar até à noite da infância, em que pela primeira vez se abriu, diante dos nossos olhos carregados de inocência e de espanto, o mistério de estarmos dentro do universo, fazendo parte dele.

Bernardo Pinto de Almeida

Janeiro 2013